

As aventuras de Maurício, o grávido

*Maurício Fontana Filho**

Especialista em Ciências Sociais pela Universidade de Passo Fundo, UPF. Bacharel em Direito pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, UNIJUI. Graduando em Medicina pela Fundación Barceló.



<https://orcid.org/0000-0003-1347-8903>

Recebido em 10 dez. 2025. **Aprovado** em: 15 ago. 2026.

Como citar este artigo:

FILHO, Maurício Fontana. As aventuras de Maurício, o grávido. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 15, n. 1, e-7265, set. 2026. DOI: 10.5281/zenodo.22700195.

Os dias vão passando. Eu baixo a rotação. Não é que eu queira. Demoro a lavar a louça. Dirijo devagar. Como devagar. Estudo. Penso devagar. Tudo passa em marcha lenta. Uma vez eu corria de carro. Chegar em casa o mais rápido possível. Vida a dois. Nós dois. Quando ainda existiam nós dois. Juntos. Já não tenho pressa. Tem dias que nem quero voltar. Uma casa vazia. Paredes brancas. Móveis negros. Falta cor. Falta vida. Falta.

Mais um dia. A boa notícia é que hoje eu comprei cenoura. E elas estão bonitas. Não é divertido ir ao mercado sozinho. Ainda assim. Cenouras. Deve servir para alguma coisa. Ter cenouras. Fui em três mercados. Cada vez que mirava pessoa na rua. Podia ser ela. E meu nervo vago. Tremia. O saboroso de fazer Medicina. Ao menos sei o que acontece. É dar rótulos à dor. Não é vazio existencial. É meu cérebro viciado em ser feliz. Agora ele pode aprender a se acostumar de novo. A uma vida. Ordinária.

Eu tento e tento enganá-lo. Repito. Ela está feliz, então eu estou feliz. É mentira. No âmago de meu egoísmo. Sei. Profundamente. Só me importa se for feliz a meu lado. Gostaria de não sentir. Isso. É o que é. Digo-me. Por quase quatro anos a provaste. Seu corpo. Sua alma. Como qualquer criminoso. Necessito tudo. Não um tempo. Mas todo seu tempo. Cada milímetro de sorriso. Cada mínima lembrança. Vosso fio de cabelo me pertence.

* mauricio442008@gmail.com

Dialogar com a liberação de hormônios é inviável. Tornei-me um drogado. A cada estímulo vosso. Tremia de satisfação. Agora beiro a demência. A sede habita minhas veias. Faminto. Por vossas palavras. Por resquícios de vossa existência. Por vossa maldade. Inerente.

Com fins de justificar o título, ao final darei à luz a uma cenoura. Metade legume. Outra metade ser humano. Mais outra torradeira elétrica.

As preocupações que me algemavam. Já não existem. Um eterno tanto faz. Já não vejo razão. Sonhos terríveis todas as noites. Os dias também não são grande coisa. Sonhar acordado. Com o que se foi. Com o que não mais é. Com o que não voltará a ser. Sonho que chorava. Acordo e não há lágrimas. Para onde foram? Quem as levou? Doloroso faltar pedaço meu. Imagine já nascer com parte faltando. Agora outra se foi. Mas esta tenho memória de ter possuído. Não se trata de abstração do não saber. Agradava-me possuí-la. Agradava-me esta parte.

A vida de viúvo não é para mim. Estou cansado de usar preto todos os dias. Desfilas com uma sombrinha vitoriana. Véu negro no calor de São Borja. Não está na moda. Não é prático. A tarde toda. Suor salgado. Como o bico de vossos seios. Agora trazem sorriso a outros olhares. Agora agradam dedos que jamais deveriam tocar. Agora satisfazem paladar um dia distante.

Ela me deixou pelo entregador de pizza. O problema é que eu adoro aquela pizza. E continuo pedindo. E sempre vem. Único entregador que eles têm. Fica um silêncio estranho. Eu agradeço uma vez. Ele respondeu para não agradecer mais. Por que eu tenho que gostar tanto dessa pizza? Eu deveria ter coragem para trocar de pizzaria. É o último elo entre nós. As visitas do entregador. Ainda estou em sua vida. Elo frágil. Me seguro com força para não escapar. Tornei-me escape sanguinolento de menstruação. Essa hipérbole teve de ser feita. Escuse o narrador.

Um dia, depois de deixar a pizza em cima da mesa, ele me olha e diz:

- Quando eu entro nela, eu faço ela uivar, ela fica tremendo, se retorce toda, não para de gemer.

Já com duas fatias na boca e farelo voando em toda direção, eu respondo:

- AWOOOOOOOOOOOOOOOOOO. É assim ou mais agudo?

Tornei-me prisioneiro. Recluso. Encapsulado em minha residência. Protegido. De ver-te. De imaginar-te em outros rostos. Fico horas encarando a janela. Esperando. Vê-la passar. E com quem irá. Por que é que todos se assemelham a vós? Tão comum é ter cabelos compridos. Escuros. Corpo pálido. Magro. Feições tristes. Depressivas. Pele marcada de tinta. Perfurações metálicas. Até minha sombra lembra-me vós. Faço o impossível para não mirar. Nesses momentos. Quisera não ter olhos. Mas até na negritude da cegueira vives.

Fiz um exame de próstata inútil. Meu problema era muscular. Que desperdício. Nem foi uma menina que fez. Foi um velho sobrevivente de derrame. Nada sexy. Tomei três antibióticos sem motivo. Estava sentando errado. Machucava os músculos. Aqueles. Músculo entre testículos e ânus. Médicos ruins. Ao menos podem comer pizza tranquilos. Sem drama. Sem medo de um cara melhor que você aparecer do nada. O que seria de nós sem entregadores de pizza? Teríamos de buscá-las andando ou dirigindo ou voando. Talvez pedalando, surfando ou remando. A vida nunca seria a mesma.

Nenhuma prosa existencialista pode ser considerada profunda sem ao menos quatro referências a exame de próstata. Faltam tantas mais.

Ela me disse que seu novo namorado era mais novo. Que quando o viu usando fralda do Mickey perdeu o controle. Que ele ficava tão lindo engatinhando e, em alguns dias, ia conseguir dizer seu nome.

Meu cérebro projeta momentos aleatórios com vós. Eu. Passivo. Assistido. As dores no estômago retornam de onde quer que tenham ido. Eu já pedi para ele parar. Não me escuta. Antes essas memórias eram fonte de conexão. Então meu cérebro. Persistente. Continua tentando. E tentando. Estabelecer ligação com o que se foi. Com o que não mais é. Com o que não voltará a ser.

Nosso corpo. Ele inflama. E assim freia invasores. E assim nos mata. Porque inflama. Ele quer é inflamar. Meu cérebro quer essa conexão. Não lhe importa a dor. Ele sabe como era valiosa. Como as imagens já não são geradas a diário. Ele resgata o passado. Vosso passado. Nosso passado. Como detesto o feliz que fui. Pesadas correntes.

Nem me masturbando tenho paz. As imagens. Seu rosto. Seu corpo. As mãos de outro sobre ele. Invadem meu pensamento. Inundam os olhos. Drenam escassa excitação. Mesmo constrangendo outros lábios. As carícias que outorgo. Insuficientes.

Fui idolatrado. Um dia a dia de salvador. Aquele a quem se recorre com dúvidas. Admirado. Idealizado. Aquele que suscita gritinhos de emoção. Que umedece genitálias com uma palavra. Tanto se perde com a distância. Vossa distância. Nossa distância.

Apreciava ser vossa estrutura. Tornar seu existir menos árduo. Oferecer. Amparo. Até chegar o dia em que encontrou. Equilíbrio.

Já me livrei de tudo seu. Abro livro guardado. Aparece. Declaração de amor. Vossa. A ferida. Ela abre. De novo. Ela. Abre. Eu paro tudo. Quantas frases mais existem por aí? Melhor incinerar o apartamento inteiro? Nosso mundo era tão detalhado. Nosso mundo. Era.